

CADERNOS

30

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



Clássicos greco-latinos traduzidos por mulheres no Brasil

Dois romances gregos em tradução brasileira de Adriane da Silva Duarte

Orlando Luiz de Araújo¹

Resenha de CÁRITON DE AFRODÍSIAS. *Quéreas & Calírroe*. Tradução, apresentação e posfácio de Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Editora 34, 2020, 205 p. (Coleção Fábula) e de XENOFONTE DE ÉFESO. *Efesiacas*. O romance de Ântia e Habrocomes. Edição bilíngue. Introdução, tradução e notas e Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Mnêma, 2024, 191 p. (Biblioteca Monumenta).

O romance grego parece ter surgido na Ásia Menor, possivelmente no século I EC, estendendo-se até o século IV. Desse período, há somente cinco textos completos que chegaram à contemporaneidade: *Quéreas & Calírroe*, de Cáriton de Afrodísias, e *Efesiacas*, de Xenofonte de Éfeso, (o primeiro do século I, e o segundo, do século II); *Os amores de Leucipe e Clitofonte*, de Aquiles Tácio, e *Dáfnis e Cloé*, de Longo, (século II), e *As Etiópicas*, de Heliodoro (século IV). Desse último, não há tradução para o português.

1 Doutor em Letras Clássicas (USP) e professor Associado de Língua Grega e de História do Teatro (UFC), onde atua no Programa de Pós-Graduação em Letras. Traduziu *Electra* de Sófocles e organizou, em coautoria, *Estudos em Teatro Antigo e Moderno*. É membro dos grupos de pesquisa Estudos sobre o Teatro Antigo e Núcleo de Cultura Clássica. Dedicar-se, atualmente, à tradução das *Cartas das cortesãs*, de Alcífron, e das *Cartas de amor*, de Aristêneto, com bolsa de produtividade do CNPq.

Em Portugal, Maria de Fátima de Sousa e Silva (1996), Vítor Ruas (2000) e Abel N. Pena (2005) traduziram, respectivamente, Cáriton, Xenofonte de Éfeso e Aquiles Tácio. No Brasil, contamos com duas traduções de *Dáfnis e Cloé*, uma, indireta do francês, feita por Denise Bottmann (1990), outra traduzida direta do grego por Luiz Carlos André Mangia Silva, publicada em duas partes na Revista *Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios* (2019/2020). Até 2020, não havia ainda uma tradução brasileira de *Quéreas & Calírroe*, e apenas em 2024, passamos a conhecer as *Efesiácas* em vernáculo.

Embora esses textos ainda sejam pouco lidos e conhecidos no Brasil, este cenário vem se modificando nos últimos cinco anos, quando as letras clássicas foram agraciadas com duas importantes e inaugurais traduções: as obras *Quéreas & Calírroe* (2020), de Cáriton de Afrodísias, e *Efesiácas* (2024), de Xenofonte de Éfeso, cujas traduções, apresentação, posfácio, introdução e notas nos chegaram por meio do excelente trabalho de Adriane da Silva Duarte, professora e tradutora de grego da Universidade de São Paulo (USP).

Além do mérito pelo trabalho tradutório, é digno de nota o fato de ser a primeira vez que essas obras recebem tradução em português brasileiro, franqueando a seus leitores acesso a um gênero que ficou por longo tempo negligenciado pela história literária. Na apresentação de *Quéreas & Calírroe*, Duarte (2020) toca em questões como autoria, datação do romance – alertando o leitor para o aspecto conjectural do problema –, e aponta para a descoberta de papiros, para o estudo de fragmentos de obras perdidas e para as relações intertextuais entre os romances, como responsáveis por uma reviravolta na cronologia da obra, antes situada entre os séculos IV e V. Igualmente, chama a atenção do leitor para a presença de elementos e traços homéricos no livro de Cáriton, que a tradutora discute, em detalhes, no posfácio que acompanha a obra.

Antes, porém, Duarte informa, em nota à tradução, as edições² utilizadas e as razões que a levaram a optar por elas, assim como os procedimentos tradutórios adotados. Propondo uma versão integral, Duarte apoia sua tradução em critérios bastante apurados, por meio dos quais privilegia “a correspondência semântica, o rigor em relação aos conceitos e termos característicos do mundo antigo, a atenção às convenções do gênero” (DUARTE, 2020, p. 13); soma-se a isso o olhar atento da

2 São as seguintes: REARDON, Bryan Peter (ed.). *De Callirhoe narrationes amatoriae Chariton Aphrodisiensis*. Monacchi: K. G. Saur, 2004 e GOOLD, G. P. (ed.). *Chariton: Callirhoe*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1994.

tradutora para a dimensão prosaica do texto, a seleção do vocabulário e as citações e referências que Cáriton faz dos seus antecessores.

Essa mesma acurácia, no tratamento atribuído à tradução do texto em prosa, por parte da tradutora, já se faz presente, anos antes, na sua tradução do *Romance de Esopo*, também publicado pela Editora 34, em 2017, e pela Humanitas, em 2018. Na sua incursão pela prosa, Adriane da Silva Duarte demonstra sua habilidade de passar de um estilo para outro no idioma, pois ela não restringe sua atividade tradutória apenas à prosa, visto que seu campo de atuação foi, primeiramente, a poesia, em especial, a comédia grega, da qual traduziu *As aves* (2000), *Dois comédias: Lisístrata e As tesmoforiantes* (2005).

Nessas traduções cômicas, já se faz notar a preocupação da tradutora com jogos de palavras e de linguagem significativos e expressivos, como as traduções dos nomes próprios em *As aves* e *Lisístrata*, peças em que suas personagens principais tiveram seus nomes traduzidos para o português por Bom de Lábia (Pisitéro) e Dissolvetropa (Lisístrata), visto que na comédia de Aristófanes, conforme afirma Duarte (2000, p. 15) na sua introdução à peça *As aves*, “o nome das personagens costuma ser significativo, apontando para alguma característica marcante delas”. Significância que pode indicar a consciência do autor do gênero que exerce, a exemplo da etimologia – ainda que possa ser fantasiosa – do nome de Cáriton de Afrodísias, para o qual Duarte (2020, p. 7) propõe, numa tradução livre, “Senhor encantador da cidade do amor”, alguém que, desde a primeira linha da obra, apresenta o assunto a ser tratado e o lugar onde se passa a história, inscrevendo-a, logo de saída, no âmbito do *páthos erotikón*, sem, no entanto, deixar de construir contextos históricos para a narrativa, aludir a inúmeros fatos históricos ordinários e extraordinários da Grécia, no decorrer da história, a exemplo do que se fica conhecendo, logo no início do relato acerca do nome, da origem e ocupação do seu autor, assim como da própria natureza do relato e, por fim, de que se trata de uma história de amor. Duarte (2020, p. 184) explica que a natureza e o teor da narrativa são elementos consideráveis para delimitar a poética do gênero, por se tratar de um relato “a cargo de um profissional da escrita; e que seu objeto será uma ‘paixão amorosa’”.

O relato de Cáriton, sustenta a tradutora, está em oposição ao canto épico e circunscrito à exposição e ao registro escrito, propriedades da historiografia, visando a compor um gênero com feições verdadeiras (históricas), sem negligenciar sua dimensão estética (fictícia). Por sua vez, Duarte explica que, dentro desse universo, o *páthos erotikón* constitui o núcleo da narrativa, e destaca que ele já aparecia, antes mesmo de seu uso técnico, como um “ingrediente desejável” (2020, p. 185) pelos poetas, como o uso que Homero faz dele na *Odisseia*.

Quanto ao seu projeto de tradução, Duarte explica que optou por um “texto fluente e claro” (2020, p. 14), como é o próprio original, e como é possível comprovar com a leitura do próprio romance, que está dividido em oito livros (cada livro correspondendo ao que se pode denominar, modernamente, de capítulo).

Quéreas & Calíroo refere-se a eventos que, supostamente, aconteceram no século V AEC, logo após a derrota dos atenienses em Siracusa, mas antes da guerra do Peloponeso. Nas primeiras palavras do livro I, o leitor é logo informado de que se trata de uma história de amor, que se passa em Siracusa, entre Calíroo, filha de Hermócrates, general siracusano, que lutou contra os atenienses, e Quéreas, filho de Ariston, com quem Hermócrates tinha uma disputa política. Na história, Siracusa aparece apenas como o ponto de partida e de chegada das personagens, pois o leitor acompanha o herói e a heroína da história a lugares como Atenas, Jônia, Babilônia e Chipre, até que regresse, junto com elas, a Siracusa. Nesse universo, primeiro em Siracusa, logo após a derrota de Atenas na expedição siciliana, para, em seguida, transpô-lo para outras plagas, o *pathos erotikón*, como Cáriton denomina sua história, constrói-se sob forte influência de Afrodite e Eros.

O romance, que se inspira em Homero, como assinala Duarte, também tem suas potências dramáticas. Nesse sentido, a prosa de Cáriton transforma a cidade inteira num palco e seus habitantes, em espectadores. A economia de palavras, em prol da construção de imagens, é surpreendente. Na tradução, Duarte recupera grandemente essa economia, construindo muitas e potentes imagens por meio de poucas, mas potentes palavras, cujas escolhas promovem um resultado excelente como a inclinação diante da deusa e o esbarro dos jovens que possibilitam traçar/tecer o teor erótico tanto da narrativa, em seu original, quanto da sua recepção em tradução. “Uma curva estreita do caminho” (DUARTE, 2020, p. 18) logo se transforma no espaço maior das ruas de uma cidade com suas assembleias e tribunais, onde só se fala do jovem casal apaixonado.

Assim, pode-se vislumbrar um sofisticado roteiro de uma comédia romântica bem ao estilo de um filme hollywoodiano com suas peripécias e reconhecimentos, acompanhados por todos os espectadores/cidadãos de Siracusa. São elementos que também não se descolam do olhar atento da tradutora e que terminam por compor significativas paisagens visuais que estruturam a composição da obra, assim como as aparições misteriosas, as representações escultóricas e as imagens de sonho que fazem movimentar a narrativa romanesca. Tudo isso imprime à narrativa uma atmosfera misteriosa, seduzindo a atenção do leitor.

Desse modo, ao mesmo tempo que é fiel ao texto original, a tradutora se mantém criativa, tornando claro que traduzir não é meramente um processo me-

cânico. Percebe-se, então, o extremo cuidado na escolha com que as palavras são traduzidas, a fim de provocar os efeitos imagéticos semelhantes aos evocados pela língua grega. Nessa direção, a cena do interrogatório de Teron parece abranger verbalmente uma multiplicidade de sensações auditivas, visuais, táteis e olfativas – evocadas por palavras e imagens como Φήμη, θαυμαζόντων, ἰδοῦσα, ἀνεκώκυσεν, ἐγνώρισεν, εἶδον e suas congêneres –, que terminam desencadeando o linchamento e a confissão do ladrão de sepultura (DUARTE, 2020, p. 72-75).

Na cena, tem-se uma boa demonstração, dentre as várias que encontramos ao longo da narrativa, do cuidado da tradutora ao transpor entre as línguas os estados de ânimo das personagens, criando efeitos que parecem até que o leitor está presente na cena. Tais procedimentos tradutórios também são encontrados nas *Efesiacas*. O romance de Ântia e Habrocomes de Xenofonte de Éfeso. Esta tradução de 2024, publicada pela Editora Mnēma, distingue-se do projeto editorial da Editora 34 já pela introdução do nome da tradutora na capa do livro (simples detalhe, mas que, politicamente, faz uma grande diferença). A tradução vem acompanhada de uma introdução onde são apresentados o autor, a obra e questões sobre a tradução e o gênero do romance. Acompanham, ainda, a edição do texto grego e as referências bibliográficas, que permitem, aos interessados nos romances gregos, se aprofundarem no assunto. Colocado o texto grego, à esquerda da tradução, notas de rodapé acompanham o texto, proporcionando uma melhor leitura e análise da obra. Para sua tradução, Duarte utiliza como base a edição de O’Sullivan. *De Antia et Habrocome Ephesiacorum Libri V* (Biblioteca Teubneuria). Monachii et Lipsiae: K. G. Saur, 2005, mas indica que consulta, quando necessário, outras edições.

Duarte (2024, p. 14) afirma que *Efesiacas* é uma obra de ficção que “apresenta um narrador, onisciente e em terceira pessoa, bastante discreto, que quase não se intromete na narrativa – justamente o contrário do que se vê em *Cáriton de Afrodísias*”. Apesar de diferentes nesse aspecto, os dois autores se aproximam pela temática amorosa, pois, assim como *Cáriton*, Xenofonte também começa seu romance pelo despertar de um amor e termina com uma celebração feliz desse amor. No intervalo, entre começo e fim, as errâncias das personagens compõem o essencial da narrativa.

Entretanto, a temática não é o único ponto de aproximação entre os dois romances, pois ambos estão recheados de piratas, mortes aparentes, promessas de fidelidade, aventuras, sonhos, tentativas de violação da castidade (Ântia é vítima de inúmeras tentativas, embora difira de Calíroe, a única das heroínas dos romances que não se mantém casta, ainda que não falem as investidas) etc.

Se, em Cáriton, Siracusa é o ponto de partida e de chegada das ações do par amoroso, em Xenofonte, este lugar é Éfeso. Assim, um resumo geral da história pode ser extraído das próprias palavras de Ântia e Habrocomes, no livro V. 14, já no final do romance, quando o casal se reencontra: “Meu marido e senhor, recuperei-te após muito vagar por terra e mar, escapando de ameaças de bandidos, de tramoias de piratas, de insultos de rufiões, de correntes, de covas, troncos, drogas e túmulos, mas, ó senhor da minha vida, Habrocomes, volto a ti tal qual fui levada pela primeira vez de Tiro para a Síria. Ninguém me persuadiu a errar, nem Méris, na Síria; nem Perilau, na Cilícia; nem, no Egito, Psammis ou Políido; nem Anquíalo, na Etiópia; nem, em Tarento, meu proprietário, mas permaneço pura para ti tendo usado de todo ardil em prol da castidade. E quanto a você, Habrocomes? Você se manteve casto ou alguma outra beldade me superou? Será que alguém te obrigou a esquecer os juramentos e a mim? Dizia essas palavras e o beijava sem parar. E Habrocomes disse: – Eu te juro pelo dia desejado de nosso difícil encontro que nenhuma moça me pareceu bela e nem outra mulher atraente ao olhar. Você recebe Habrocomes tão imaculado quanto o deixou na prisão, em Tiro” (V. 14, p. 183).

Desse ponto em diante, tem-se o final de uma história de amor feliz. No entanto, é preciso ressaltar, nos dois relatos, o lugar da mulher nos romances gregos, e, de certa forma, a representação forte de seu caráter. Ainda que os romances narrem um *páthos erotikón*, protagonizado por jovens adolescentes, eles trazem percepções fascinantes sobre o mundo do feminino e do masculino e dão informações consideráveis para o leitor do mundo antigo. Como muito bem apontou Zeitlin (1996, p. 1), um foco no gênero como “um elemento estruturante integral da literatura grega e, mais geralmente, da imaginação social” fornece uma base frutífera e novos olhares para investigações acerca da questão não apenas do gênero literário, mas também do sexual. Somem-se a isso questões relacionadas às etnias, haja vista a profusão de lugares e povos citados nesses romances.

Posto isso, é importante dizermos que as traduções brasileiras de *Quéreas & Calíroo* e *Efesiacas* são fundamentais para qualquer leitor ou estudante que queira conhecer mais sobre o(s) gênero(s) e o(s) tema(s), num trabalho primoroso de edição, com loas especiais para o projeto editorial da Mnêma, pelo texto grego, as notas e as referências bibliográficas que acompanham a edição, pois isso permite ao leitor interessado aprofundar-se no assunto de forma orientada. Consideramos positivo o fato de a edição de *Efesiacas* ser dirigida por um acadêmico, pois acaba por realizar um trabalho mais rigoroso, textualmente, do que uma edição com apelo puramente comercial.

Salienta-se, ainda, o fato de se tratar de traduções brasileiras, já que em Portugal foram editados também quatro dos cinco romances, em tradução lusitana. Para além disso, deve-se saudar a iniciativa da professora e tradutora Adriane da Silva Duarte como um acontecimento importante e um grande benefício para leitores, em geral, e estudiosos das letras gregas, em particular.

Concluindo, então, esta resenha *De dois romances gregos em tradução brasileira de Adriane da Silva Duarte*, gostaria de dizer para quem quiser conhecer as obras daquele que é considerado o “inventor” do romance e do que é seu “seguidor” que não pode deixar de lê-las e percorrer os sinuosos caminhos de Eros de “[um]a viagem [que] começa tranquila, com escalas em Samos e Rodes e direito a passeios por atrações turísticas (...)” (DUARTE, 2024, p. 16), mas, como qualquer leitura romanesca, sem se descuidar nem deixar de se envolver nas contendas transversais que também atravessam as narrativas, porque depois do passeio à[s] ilha[s] “a sorte muda” (DUARTE, 2024, p. 16), bem ao gosto dos espectadores/leitores de novelas e aventuras modernas.

Por fim, gostaria de ressaltar a qualidade das duas traduções, reflexo do domínio que a tradutora possui do português, do grego e do gênero romance; tudo isso alinhado com o olhar atento às mudanças promovidas no mundo contemporâneo, que se refletem no processo tradutório. Enfim, o trabalho que Duarte dispensa aos Estudos Clássicos é de grande valia, e esperamos que novas traduções possam vir a público.

Referências bibliográficas

ARISTÓFANES. *Dois comédias*: Lisístrata e As tesmoforiantes. Tradução de Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CÁRITON. *Quéreas e Calíroo*. Tradução do grego, introdução e notas de Maria de Fátima de Sousa e Silva. Lisboa: Edições Cosmos, 1996.

ÉFESO, Xenofonte de. *As efesíacas*: Ântia e Habrócomes. Tradução do grego, introdução e notas de Vítor Ruas. Lisboa: Edições Cosmos, 2000.

ESOPO. *Fábulas, seguidas do Romance de Esopo*; edição bilíngue; seleção, tradução e apresentação de André Malta; tradução e apresentação do Romance de Esopo por Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Editora 34, 2017.

[VIDAS DE] ESOPO: *O romance de Esopo em traduções e ensaios*. Organizadora Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Humanitas, 2018.

LONGO. *Dáfnis e Cloé*. Tradução de Denise Bottmann. Campinas: Pontes, 1990.

MANGIA SILVA, L. C. A. Dáfnis e Cloé, de Longo de Lesbos - Livro Primeiro – Tradução. *Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 159-178, 2019. DOI: 10.34019/2318-3446.2019.v7.25818. Disponível em: <https://periodicos.uuff.br/index.php/ronai/article/view/25818>. Acesso em: 11 jan. 2025.

MANGIA SILVA, L. C. A. Dáfnis e Cloé, de Longo de Lesbos - Livro segundo: tradução e comentário. *Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 116-142, 2020. DOI: 10.34019/2318-3446.2020.v8.30665. Disponível em: <https://periodicos.uuff.br/index.php/ronai/article/view/30665>. Acesso em: 11 jan. 2025.

TÁCIO, Aquiles. *Os amores de Leucipe e Clitofonte*. Tradução do grego, introdução e notas de Abel N. Pena. Lisboa: Edições Cosmos, 2005.

ZEITLIN, Froma I. *Playing the Other: Gender and Society in Classical Greek Literature*. Chicago/Londres: University of Chicago Press, 1996.